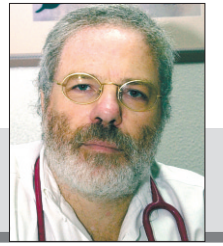


O DIÁRIO DO ZEZINHO — As dúvidas da minha mãe



M. PEDRO FREITAS*

Ao oitavo dia de vida, fui, pela primeira vez, ao pediatra. Nascido 12 anos depois da minha irmã, era natural que os meus pais tivessem muitas dúvidas relativamente à forma como me deviam prestar alguns dos cuidados. Por isso, resolveram não esperar muito tempo para recorrer ao pediatra, até porque, não raras vezes, quando cruzavam as suas opiniões com as das velhotas lá de casa, a avó e as tias-avós, a confusão instalava-se e ninguém se entendia.

Contudo, o fim desta consulta acabaria por ser precipitada pelos meus gritos de fome e muitas dúvidas acabariam por não serem esclarecidas.

No regresso a casa, a minha mãe, não sei se para me culpabilizar, se para se lamentar do sucedido, lá começou a enumerar as dúvidas que devido ao meu berreiro, não havia conseguido esclarecer:

As minhas maminhas que estavam grandes e até parece que queriam deitar leite. O meu umbigo apesar de aparentar bom aspecto parecia muito grande e às vezes deitava sangue. As pintinhas que, aqui e ali manchavam o meu corpo. O facto de frequentemente bolar, sujando tudo e todos. As malditas cólicas que de vez em quando me atormentavam a mim e a minha mãe. Os soluços e os espirros que tão frequentemente me atingiam. O facto de, às vezes parecer olhar "vesgo", etc..

Na realidade, perante este rol de dúvidas acabei mesmo por me sentir culpado. Tal como a minha mãe, também me interessava ver esclarecidas algumas dúvidas. Imaginem só o que pensei e a confusão que se meteu na minha cabeça, quando as minhas maminhas começaram a crescer! Não é que seja contra uns bonitos peitos, mas gostaria de deixá-los e apreciá-los nas garotas e não em mim. Bem sei que não se pode dizer que "desta água não beberei", mas até lá espero continuar a ter, tal como o meu pai, orgulho de macho.

Felizmente que, um telefonema da minha mãe para o pediatra tirou-me não só um grande peso, mas também impediu que a minha avó lhes deitasse "as garras". Então não é que ela queria espreme-las tal como se fazia no seu tempo!

Afinal, o crescimento dos peitos é uma situação transitória e tem a ver com a passagem para mim, durante a fase final da gravidez, das hormonas encarregues de estimular e preparar as mamas da minha mãe para a produção de leite. Depois do nascimento deixa de haver essa passagem de hormonas e o crescimento dos peitos, que entretanto se havia iniciado, acaba por regredir.

Porque apanhou o pediatra bem disposto ou porque este teve em conta o fim precipitado da consulta, a minha mãe de uma assentada só, e à borla, procurou esclarecer outras dúvidas. Bem, à borla não foi bem assim, pois apesar de não pagar ao médico, não se vai livrar de pagar a conta telefónica à TMN. O meu umbigo parecia grande e às vezes deitava algumas gotículas de sangue porque, afinal de contas o coto umbilical tinha caído dois dias antes e não estava completamente

cicatrizado, o que era normal e mais não necessitava do que simples actos de higiene ou de uma pequena desinfecção. A propósito do umbigo, e porque a minha avó tinha levantado a dúvida da existência de uma hérnia, lá o pediatra descansou a minha mãe dizendo que, apesar de ser cedo para ver se existia ou não hérnia umbilical, a verdade é que mesmo que ela surgisse, habitualmente iria desaparecer com o crescimento e, só raramente e nunca antes dos três anos é que a necessidade ou não de intervenção cirúrgica se colocaria, não se justificando a colocação de cintas, as pregas de pele, a colocação de moedas ou de adesivos. Mesmo que houvesse hérnia, tal não me iria causar qualquer desconforto. Feliz da vida!

Contudo, pelo sim, pelo não, e "fazendo ouvidos de mercador" ao que o médico havia dito, para evitar que a minha suposta hérnia aumentasse, acabei por sair beneficiado, uma vez que, mal começava a chorar, logo alguém corria a pegar-me ao logo, não fosse o raio do meu umbigo crescer!

E não queiram saber, o que acontece quando tenho as malditas dores de barriga, a que os entendidos chamam de "cólicas". Apesar de nunca ter tido filhos nem dor de dentes, acredito na minha mãe quando ela diz que "custa mais suportar uma dor de dentes do que ter um filho" e estou convencido de que o mesmo se passa relativamente às cólicas, ou seja que preferia ter um filho em vez das malditas cólicas! E compreendem porquê? É que, tal como diz o meu pai, enquanto o mundo não voltar do avesso, os homens como bons cavalheiros que são, certamente que continuarão invariavelmente a transferir para as mulheres o privilégio da maternidade e, sendo assim, nunca as tinha.

Apesar das fortes dores que as cólicas provocam, não imaginam a pena que sinto da minha mãe quando ela, perante o meu sofrimento e a sua impotência para me ajudar também começa a chorar. Sou colocado de barriga para baixo, de barriga para cima, empinado, ando de colo em colo e, um dia até me meteram no carro e quase que davam a volta à Ilha, na tentativa de me adormecer. É claro que não será preciso dizer que neste dia da viagem tive honras da presença de meu pai. Nos outros dias, com a justificação de que tem de ir trabalhar, limita-se a ressonar no quarto de hóspedes.

Quando confrontado com esta questão o pediatra, mastigou, mastigou mas não disse nada, ou seja disse que nos mantivéssemos

calmos porque as dores eram transitórias e que iriam passar, mas só daqui a três meses. Grande conforto o "estupor" nos deu!

Segundo ele, as cólicas surgem na maior parte dos casos por volta da segunda semana de vida e desaparecem por volta do terceiro mês. São mais frequentes nas crianças alimentadas com leite artificial. Geralmente têm um horário, ocorrendo sobretudo à tarde e no início da noite e fazem com que as crianças chorem desesperadamente, às vezes durante horas seguidas.

Quanto à sua origem ela é multifactorial: estado emocional dos pais; ambiente em casa; imaturidade do sistema digestivo e consequentemente intolerância a alguns constituintes da alimentação; efeitos da alimentação materna, nas crianças amamentadas com leite artificial; ingestão excessiva de ar durante as mamadas; obstipação, etc..

Apesar de, para o seu alívio, não existirem receitas milagrosas, vários truques podem ser tentados: utilizar boas técnicas de amamentação; fazer o bebé arrotar durante e após as mamadas; na altura das cólicas colocar o bebé de bruços; tentar o contacto físico (pele-pele) entre a barriga da mãe e a barriga do bebé e, idealmente, deitá-lo de bruços sobre a barriga da mãe; com o bebé de costas, segurar as suas pernas e flecti-las suavemente por forma a que os joelhos rocem a barriga e depois esticar as pernas, repetindo várias vezes esta manobra a fim de ajudar a eliminar gases; procurar um ambiente calmo e tranquilo, conversar e nunca o deixar sozinho a chorar no berço; dar um pequeno passeio. Quando nenhuma dessas técnicas resultar, pode haver necessidade de alteração no seu regime alimentar ou então necessidade de recurso a medicamentos, que em muitas circunstâncias pouco ajudam. Tal como aconteceu com as cólicas, relativamente aos soluços e aos espirros, que desde o nascimento não me davam descanso, o pediatra não deu grande ajuda. Limitou-se a dizer que eram normais nesta idade e que lá para o fim do primeiro ou segundo mês eles haveriam de melhorar significativamente, não existindo tratamentos milagrosos. Quem não gostou desta conversa foi a minha avó que logo foi ao baú das recordações e rapidamente recomendou um tratamento para os soluços: colar na minha testa, com saliva, uma linha ou pêlo retirado da minha roupa ou da roupa da minha cama.

Tendo ou não efeitos terapêuticos, a verdade é que, na ausência de melhor, foram sem

conta as vezes que a tal linha fez ninho na minha testa. A propósito dos soluços, a minha tia-avó que vive lá em casa e cuja lucidez parece já andar muito comprometida, de vez em quando, ou porque não conseguia arranjar linha ou porque achava que a sua receita era melhor, lá se punha com uma cantilena que repetia três vezes, que nem um vinil riscado "solução vem, solução vai, solução vem". Criança sofre!

Numa das suas incursões pelos seus velhos e danificados circuitos cerebrais, em procura de soluções para os meus problemas, em determinada altura a minha avó surgiu com a técnica do sopro na "moleirinha", a aplicar sempre que me engasgava e não foram poucas as vezes em que isso aconteceu. Que sensação horrível e aflitiva! Parecia mesmo que ia morrer. Nessas alturas só me lembrava, a sufocação provocada pelo cordão umbilical, na altura em que nasci.

De acordo com o pediatra, esta situação de engasgamento poderia acontecer com alguma frequência, uma vez que apesar de ser perfeito e, ao nascer, parecer "estar pronto para entrega", a verdade é que a coordenação entre a sucção e deglutição ainda não estava bem desenvolvida, aliás tal como acontecia com os meus movimentos oculares e que às vezes fazia com que parecesse ficar "vesgo". Sempre que me engasgasse, deveriam-me colocar de cabeça para baixo e darem-me umas pancadinhas nas costas" para que pudesse expulsar o leite que se introduziu nas minhas vias respiratórias. É claro que a minha avó, nestas situações, continuou a aplicar o seu método. A sorte é que parece que existe alguém a velar por mim. Não me admira que seja aquele Menino que nasceu no mesmo dia que eu, a 25 de Dezembro! ■

* Médico Pediatra

Para quem só neste momento teve contacto com este diário, importa recordar que ele não é mais do que um relato da vida do zezinho, um puto nascido na maternidade do CHF, no dia 25 de Dezembro de 2001 e que, aos 14 meses decidiu, tal como sua irmã, redigir o seu diário. Como não sabia escrever incumbiu essa tarefa ao seu pediatra. Em números anteriores (1 de Março, 5 de Abril e 3 de Maio) foram publicadas as peripécias porque passou desde o nascimento.